

ENTREVISTA PSICOLÓGICA: UMA PERSPECTIVA DO CONTEXTO HOSPITALAR

Claudia Dallagnol¹
Karla Goldberg²
Vivian Roxo Borges³

RESUMO

A entrevista psicológica é um recurso técnico utilizado nas diversas áreas do campo profissional e que ganha destaque dentro do contexto hospitalar. É uma das principais técnicas utilizadas pela sua importância investigativa e recebe novas configurações e adaptações considerando as contingências do ambiente institucional e as particularidades da população usuária. Este artigo compreende uma revisão bibliográfica sobre o tema da entrevista psicológica utilizada no espaço hospitalar, a fim de evidenciar o que a literatura apresenta como particularidades para este campo. Conclui-se que a entrevista psicológica é peculiar no âmbito hospitalar e indispensável ao trabalho do psicólogo, uma vez que permite a aproximação, investigação e intervenção para com o paciente de forma mais precisa, a fim de compreender e auxiliar na minimização do sofrimento e no enfrentamento da situação em que se encontra. Além disso, contribui para a equipe de saúde tanto em ações de apoio aos profissionais quanto na qualificação das ações desenvolvidas por estes.

Palavras-chave: psicologia hospitalar; entrevista psicológica; paciente hospitalizado.

PSYCHOLOGICAL INTERVIEW: A PERSPECTIVE OF THE HOSPITAL CONTEXT

ABSTRACT

The psychological interview is a technical resource used in the various areas of professional field and it gains prominence within the hospital context. It is one of the main techniques used by its investigative importance and receives new configurations and adaptations, considering the contingencies of institutional environment and the characteristics of the user population. This article includes a bibliographic review on the subject of psychological interview used in the hospital, in order to highlight what is specific for this field, presented by the literature. We can conclude that the psychological interview is peculiar in the hospital context and it's indispensable to the work of the psychologist, since it allows the approximation, research and intervention to the patient more accurately, in order to understand and to assist in the reduction of the suffering and the confrontation of the user population situation. In addition, it contributes to health staff in both actions to support the professional and qualification of actions developed by them.

Keywords: hospital psychology; psychological interview; patient hospitalized.

¹ Aluna do Curso de Psicologia da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões – URI Campus de Erechim.

² Mestre em Psicologia do Desenvolvimento pela UFGRS. Professora de Graduação e Pós-graduação da URI – Campus de Erechim.

³ Mestre em Psicologia Clínica pela PUCRS. Doutoranda em Psicologia pela PUCRS. Professora de Graduação do Curso de Psicologia da PUCRS. Psicóloga do Serviço de Saúde Mental do Grupo Hospitalar Conceição – GHC.

Introdução

A psicologia da saúde assume grande importância em tempos atuais pela sua busca constante e dedicação na compreensão dos fenômenos que estão ligados à saúde e ao adoecimento humano. Reconhece que o ser humano está em permanente mudança a partir de vários fatores como orgânicos, ambientais e psicossociais, tendo enfatizado cada vez mais seu papel ativo no processo de saúde-doença (Capitão, Scortegagna & Baptista, 2005).

Desta forma, a psicologia da saúde destaca-se de modo significativo pelas intervenções que visam a melhoria e a manutenção da saúde e do bem estar dos indivíduos (Capitão et al., 2005). Dentro desta ampla área de atuação, encontra-se a psicologia hospitalar que se direciona exclusivamente às intervenções dentro do contexto hospitalar.

A prática da psicologia hospitalar é demarcada por intervenções em um campo de ação de caráter clínico, tanto individual quanto grupal, sendo ocasionalmente apoiadas em uma perspectiva institucional (Araujo, 2006). Sua origem tem início com a clínica tradicional que posteriormente se moldou e intitulou como psicologia hospitalar (Seger, 2006).

Diante da realidade que este contexto comporta, a necessidade da intervenção psicológica é desencadeada em decorrência de um montante de fatores. Para os autores Figuera e Viero (2005) e Seger (2006), destacam-se os momentos de crise e as fantasias vivenciadas pelos pacientes internados. Os autores apontam medo do desconhecido, insegurança, ansiedades, e as fantasias quanto a anestesia e a recuperação as mais presentes. Somam a isso também o sofrimento e a angústia dos familiares e as dificuldades da equipe de saúde que tornam a atuação psicológica fundamental.

Nesse sentido, perante os agravantes provocados por internações hospitalares, ou mais que isso, por cirurgias e outros procedimentos, o psicólogo tem um papel importante atuando com o objetivo de minimizar a angústia e a ansiedade do paciente. Conforme evidenciam Sebastiani e Maia (2005), a intervenção psicológica propicia a expressão dos sentimentos do doente, auxilia na compreensão do momento de vida que enfrenta, possibilitando que se estabeleça um clima de confiança entre o paciente e a equipe de saúde, bem como, permitindo a expressão das fantasias com relação ao ambiente hospitalar.

Colaborando com esta perspectiva, Finkel e Espíndola (2008) referem que além de oferecer a ajuda possível, o psicólogo opera mudanças institucionais, mobiliza outras categorias profissionais atuando interdisciplinarmente, dinamiza o serviço e colabora para a qualidade e humanização dos atendimentos e serviços prestados.

Observa-se desta forma que, espera-se que o psicólogo atue dentro da instituição atendendo à sua demanda, que consiste principalmente em intervir frente ao paciente hospitalizado, oferecer apoio aos familiares e operar em questões advindas dos próprios profissionais da saúde. Esta ação psicológica pode favorecer a melhor adesão do paciente ao tratamento, além de contribuir na qualificação do serviço oferecido pela equipe.

Nesta perspectiva, este artigo tem por objetivo apresentar o que a literatura científica atual refere a respeito da técnica de entrevista psicológica no contexto hospitalar. Pressupõe-se que esta técnica seja um instrumento de primeira escolha dentro do ambiente hospitalar tendo em vista as particularidades existentes no trabalho do psicólogo. Com isso, pretende-se evidenciar como essa técnica é empregada, suas especificidades e seus benefícios.

A Entrevista Psicológica Hospitalar e seu Campo de Intervenção

A prática e a intervenção da psicologia hospitalar são amplas. No atendimento ao paciente o psicólogo necessita primeiramente intervir desenvolvendo uma aliança de confiança (MacKinnon; Michels & Buckley, 2008), prestando assistência ao acamado junto ao leito e aos seus familiares, esclarecendo dúvidas e amenizando angústias.

Também, é seu papel auxiliar na recuperação e adaptação do doente às novas condições de vida mediante a enfermidade, avaliar o seu estado emocional, garantindo aderência ao tratamento e auxiliar os familiares no enfrentamento de situações de morte e luto. Este trabalho requer flexibilidade e dedicação, bem como, recursos que auxiliem na obtenção de resultados benéficos em curto período de tempo (Tonetto & Gomes, 2007b).

Nesta perspectiva, para desempenhar sua função, o psicólogo necessita utilizar alicerces teóricos, assim como, técnicas específicas de sua prática, ou mesmo, adaptá-las ao contexto em questão. Um dos principais instrumentos empregados, o qual muitas vezes se limita a ser a única ferramenta utilizada em intervenções, é a entrevista psicológica (Seger, 2006).

Conforme descreve Tavares (2000), a entrevista psicológica se refere a um conjunto de técnicas investigativas, limitada no tempo e conduzida por um profissional treinado que se utiliza de conhecimentos advindos da psicologia por meio de uma relação estritamente profissional. Através desta técnica tem-se o objetivo de descrever e avaliar aspectos pessoais com o intuito de realizar intervenções que tragam benefícios aos entrevistados.

Embora a literatura estruture passos para a condução de uma entrevista psicológica, o espaço hospitalar demanda do psicólogo a adaptação deste manejo para um contexto permeado por imprevistos e principalmente pela insuficiência de tempo. Com isso, a essência da entrevista permanece, porém é necessário que o profissional possua determinados domínios, recursos e habilidades específicas que o possibilitem o desenvolvimento e a execução de um trabalho de qualidade em um momento permeado pelo sofrimento.

Neste contexto, a entrevista psicológica tem um foco nos sintomas do sujeito e nos fatos mais significativos de sua vida que possam estar relacionados ao seu estado de saúde, procurando sempre basear-se na história de vida em geral, na história clínica e na doença atual. Não possui um tempo determinado, podendo ser administrada em mais de uma sessão. Porém, com seu término, espera-se que o profissional psicólogo possa compreender dinamicamente este sujeito (MacKinnon, et al., 2008).

Autores como Seger (2006), referem que compete ao psicólogo, quando solicitado pela equipe, fazer uma entrevista esclarecendo o motivo explícito da mesma. Em alguns casos, o motivo está refletido na equipe pouco preparada ou com dificuldades no atendimento de demandas específicas que surgem no ambiente hospitalar, cabendo ao psicólogo agir no intuito de atenuar, compensar e eliminar estas implicações. Este aspecto ressalta a extensão da intervenção do psicólogo hospitalar, ao passo que abrange toda a equipe de profissionais da saúde.

Conforme a autora supracitada, o desenvolvimento de uma entrevista hospitalar é muitas vezes um trabalho árduo que exige adaptações. Está permeado por inúmeros fatores, como o tempo que pode ser de apenas uma sessão e a falta de *setting* nos moldes tradicionais, ou seja, um espaço reservado, sigiloso, e sem interferências. Estes aspectos são ocasionalmente prejudicados em função da movimentação e rotatividade do ambiente.

Com a ausência do *setting* terapêutico “ideal”, as entrevistas são realizadas normalmente junto ao leito, onde, em muitas ocasiões, há presença de outros pacientes que dividem o mesmo espaço, o que implica na privacidade do paciente. Desta forma, o *setting* necessita ser constituído ou reestruturado, quando possível, considerando-se as condições presentes e a criatividade do psicólogo, como aponta Seger (2006).

Tonetto e Gomes (2005) corroboram com esta perspectiva, destacando a necessidade de que ocorram adaptações dos recursos e espaços disponíveis no âmbito hospitalar para a prática da psicologia, de modo que o *setting*, na maioria das vezes, se torna um dos mais prejudicados. Estas peculiaridades que envolvem a adequação e a flexibilidade teórico-metodológica do psicólogo hospitalar ao espaço de trabalho que dispõe, o diferenciam do contexto clínico tradicional.

Outro estudo realizado por Garcia, Souza & Holanda (2005) que vai ao encontro dos achados anteriores, revela que as intervenções do psicólogo clínico são insuficientes para o contexto hospitalar, pois se necessita de adaptações. Segundo esses autores, é necessário também conhecer a dinâmica da instituição, pois é esta que define, por meio de suas normas, os *settings* terapêuticos em que ocorrem as atuações psicológicas, enfatizando assim a flexibilidade deste profissional.

Do mesmo modo, estando preparado para o encontro com o paciente, o psicólogo deve estar consciente da possibilidade de que no quarto se encontrem mais pessoas internadas, não sendo possível muitas vezes a manutenção de um local reservado. Em consequência disto, ao iniciar a entrevista propriamente dita, o profissional deve se apresentar ao paciente, aproximar-se ou sentar perto a ele estando numa direção ao nível dos olhos. Além disso, convém falar “delicadamente” na tentativa de criar um ambiente propício ao bom andamento da entrevista (MacKinnon et al., 2008).

Da mesma forma, o psicólogo também necessita dispor de destreza e competência para desenvolver, num curto período de tempo ou em uma única sessão, uma entrevista que envolva avaliação, diagnóstico da situação, esclarecimentos, intervenções e/ou encaminhamentos. Além disso, as entrevistas podem incluir a presença de familiares ou acompanhantes, ou até mesmo, serem realizadas exclusivamente por estes, principalmente quando as pessoas próximas ao doente estão muito fragilizadas e interferem no bom atendimento ao paciente (Seger, 2006).

Muitas vezes uma única entrevista psicológica tem fins terapêuticos, fundamentalmente quando se refere à área hospitalar. Fazendo esta referência, Seger (2006) assinala que isto ocorre em função do pequeno período de tempo que o psicólogo disponibiliza para intervir com o paciente, necessitando realizar um trabalho relativamente curto e utilizando de técnicas direcionadas como a psicoterapia breve focal e intervenções de apoio.

Em decorrência destas condições em que, inúmeras vezes, o psicólogo hospitalar realiza seu trabalho, é esperado que este tenha certas habilidades para desempenhá-lo da melhor forma com o intuito de alcançar bons resultados. Alguns teóricos como Dalgalarondo (2008), MacKinnon et al. (2008), Seger (2006) e Tonetto e Gomes (2007a) citam a agilidade, a paciência, a boa comunicação e a capacidade empática como características essenciais a este profissional.

Outro aspecto relevante desta prática está na sensibilidade do profissional perceber os momentos em que o paciente precisa chorar e revelar seus sentimentos da forma mais autêntica, uma necessidade que muitas vezes é encoberta por atitudes dos familiares, ou mesmo da equipe (Seger, 2006).

MacKinnon et al. (2008) consideram que muitos aspectos neste contexto de trabalho podem variar não se tendo como controlar, sendo que dentre estes se encontra a entrevista psicológica. Neste sentido, a capacidade de adaptação se torna um elemento básico e necessário, assim como a preparação do entrevistador com conhecimentos e informações previamente coletados. Nesta perspectiva, destaca-se de acordo com estes autores que anteriormente a entrevista com o paciente é conveniente ao psicólogo se apropriar de informações advindas do prontuário. Após obter esses subsídios também é viável conversar com membros da equipe para conhecer melhor o caso. Quanto mais dados acerca do paciente, melhores e mais eficazes são as probabilidades de acerto nas intervenções.

Ainda, no que se refere a fase de adaptação, o paciente pode vivenciar sentimentos ambivalentes que inúmeras vezes repercutem na família e nas pessoas mais próximas. Dessa forma, o suporte psicológico se torna indispensável, pois auxilia na elaboração de novas realidades (Yamada & Bevilacqua, 2005). Ao mesmo tempo, a assistência à família traz benefícios à medida que facilita a manutenção e o assentimento do tratamento, bem como, colabora com as rotinas da enfermagem (Klein & Guedes, 2006).

Segundo os autores supracitados, frequentemente a raiva e o sarcasmo são dois tipos de resistências presentes em pacientes hospitalizados, apresentando também baixa motivação. Nesta perspectiva, interpretações psicodinâmicas raramente são feitas aos pacientes, visto que pouco são úteis ao processo terapêutico devido a diminuída capacidade e disponibilidade momentânea do paciente em extrair benefício destas intervenções.

Ainda, para MacKinnon et al. (2008), é essencial, num primeiro momento, a estruturação de uma aliança entre terapeuta e paciente. Com o andamento da entrevista, o entrevistador precisa estar apto para ser ativo e esclarecedor na tentativa de melhorar a auto-estima do paciente, buscando o máximo de informações possíveis.

Considerando a desenvoltura necessária ao psicólogo na condução da entrevista, pode-se destacar que em função do momento de vida que se apresenta o paciente cabe ao entrevistador estabelecer uma postura coerente com a situação. Com esta perspectiva colabora Dalgalarondo (2008) ao referir que a habilidade do entrevistador se demonstra pelas perguntas que formula no decorrer da entrevista. Também para este autor, é fundamental que se estabeleça uma relação empática e produtiva ao mesmo tempo durante a entrevista.

Ainda com relação a este tema, este mesmo autor refere que para que ocorra um bom trabalho cabe ao psicólogo respeitar o paciente não o invadindo de modo agressivo por meio da entrevista, mas sim utilizando respeito, limites e paciência, sendo esta última considerada como fundamental em contexto de saúde.

Com o término da entrevista, compete ao psicólogo comunicar ao paciente os resultados obtidos com o trabalho. Indicações terapêuticas e acompanhamento ambulatorial podem ser recomendados, caso necessário. Ainda, é importante que anotações não detalhadas referentes à entrevista sejam disponíveis aos membros da equipe, de modo a primar sempre pelo sigilo dos dados mais relevantes. Este aspecto é importante na medida em que instrumentaliza os demais membros da equipe quanto ao estado do paciente. A conclusão do processo se dá no momento em que os dados obtidos sejam repassados ao médico responsável que solicitou a intervenção psicológica (MacKinnon et al., 2008).

Pesquisas recentes têm revelado que os resultados das intervenções psicológicas em hospitais se mostram positivas e necessárias. Isso se evidencia através de autores como Juan (2005) que corroboram com essa premissa, pois segundo ele pacientes que receberam

atendimento psicológico pré-cirúrgico demonstraram maior estabilidade emocional, melhor recuperação e menor propensão a sintomas dolorosos.

Da mesma forma, na tentativa de investigar os efeitos provocados pelas intervenções psicológicas em crianças pré-cirúrgicas, Broering (2008) desenvolveu uma pesquisa que continha, dentre as demais ações, a técnica de entrevista. Através deste trabalho, a pesquisadora identificou como resultados uma significativa redução dos níveis de estresses e comportamentos negativos e inadequados das crianças que receberam intervenções psicológicas previamente ao ato cirúrgico.

Ainda, um estudo realizado por Palmeira, Peralva e Batista (2007) com objetivo de avaliar a importância da oferta de apoio psicológico para familiares de pacientes submetidos à cirurgia cardíaca, revelou que a atuação do psicólogo auxilia significativamente na diminuição das angústias dos familiares a partir da possibilidade de expressão dos sentimentos e fantasias em relação a cirurgia.

Considerações Finais

A partir deste apanhado da literatura, percebe-se a relevância que assume o trabalho do psicólogo e, especialmente, a técnica de entrevista no âmbito hospitalar. As evidências apresentadas no decorrer do trabalho comprovam a sua eficácia e garantem a pertinência deste serviço principalmente para o paciente hospitalizado que, devido ao seu estado, se encontra emocionalmente abalado, necessitando de um olhar mais atento e cuidadoso e da escuta do que lhe traz sofrimento.

Sabe-se que a entrevista psicológica como método investigativo é utilizada em todas as áreas da psicologia, mas no contexto em questão comporta valor ímpar. É pertinente salientar que a entrevista psicológica é um recurso indispensável no contexto hospitalar, conforme a literatura consultada apresentou, e que se faz um dos instrumentos de primeira escolha, tendo em vista as peculiaridades do espaço institucional, a demanda que carrega um tempo escasso de intervenção e, principalmente, para compreender as necessidades que o paciente apresenta.

Esse formato de investigação ganha destaque, pois produz benefícios que abarcam não somente o paciente, um dos principais usuários, mas também contribui por extensão a toda a equipe, na medida em que capacita os profissionais com uma compreensão mais próxima do que carece a este sujeito que passa por um período de sofrimento.

Embora seja advinda da técnica tradicional de entrevista psicológica, recebe novas configurações, pois necessita se adaptar ao tempo, espaço, contingências institucionais e, ainda, ao estado de doença do paciente. No entanto, observou-se que sempre há o esforço de administrá-la da melhor forma possível, sem perder a sua essência de cuidado com o paciente e de investigação psicológica.

Ao paciente hospitalizado, aponta-se como principais benefícios da entrevista psicológica o auxílio nos momentos de sofrimento e crise, a escuta de suas angústias, ansiedades, medos, entre outras questões presentes no momento de vida em que se encontra, além do apoio frente aos obstáculos da recuperação.

Com a mesma importância, também são identificados vantagens da entrevista psicológica para a equipe de saúde e para os familiares dos pacientes. Aos familiares é oferecido apoio, orientação e escuta, principalmente com a intenção de minimizar o sofrimento vivido juntamente com o familiar doente. À equipe de saúde, destaca-se o apoio

aos profissionais que também são afetados pelo trabalho, além de receberem orientações que permitem melhor compreensão do paciente, contribuindo assim para a qualificação das ações.

A partir do exposto acima, cabe reforçar a importância de que produções científicas que versem sobre esta temática significativa para os psicólogos sejam continuamente realizadas, a fim de explorar mais o contexto, trazer mais particularidades do campo e principalmente apresentar novas adaptações da técnica considerando as diversas demandas presentes neste meio.

Referências Bibliográficas

- Araujo, T. C. C. F. (2006). Câncer Infantil: intervenção, formação e pesquisa em psico-oncologia pediátrica. *Psicologia Hospitalar*, São Paulo, 4, n. 1, jan. Recuperado em: 19 abril de 2009, de <http://scielo.bvs-psi.org.br/scielo.php?pid=S1677-74092006000100005&script=sci_arttext&tlng=pt>. Acesso em: 19 abr de 2009.
- Broering, C. V. (2008). Efeitos da preparação psicológica pré-cirúrgica em criança a serem submetidas a cirurgias eletivas. *Dissertação de Mestrado em Psicologia*, UFSC, 1. Recuperado em 17 outubro de 2009, de <<http://servicos.capes.gov.br/capesdw/resumo.html?idtese=20083941001010036P4>>
- Capitão, C. G., Scortegagna, S. A., Baptista, M. N. (2005). A importância da avaliação psicológica na saúde. *Avaliação Psicológica*, Porto Alegre, 4, n. 1, jun. Recuperado em 17 outubro de 2009, de <http://scielo.bvs-psi.org.br/scielo.php?pid=S1677-04712005000100009&script=sci_arttext>.
- Dalgalarondo, P. (2008). *Psicopatologia e semiologia dos transtornos mentais*. 2 ed. Porto Alegre: Artmed. p. 66-84.
- Figuera, J., Viero, E. V. (2005). Vivências do paciente com relação ao procedimento cirúrgico: fantasias e sentimentos mais presentes. *Revista da Sociedade Brasileira de Psicologia Hospitalar*, Rio de Janeiro, 8, n. 2, dez. Recuperado em 17 outubro de 2009, de <<http://scielo.bvs-psi.org.br/scielo.php?pid=S1516-08582005000200005&script=sciarttext&tlng=pt>>.
- Finkel, L. A., Espíndola, V. B. P. (2008). Cirurgia cardíaca pediátrica: o papel do psicólogo na equipe de saúde. *Psicologia para América Latina*, México, n. 13, jul. Recuperado em 19 abril de 2009, de <http://scielo.bvs-psi.org.br/scielo.php?pid=S1870-350X2008000200004&script=sci_arttext&tlng=pt>.
- Garcia, M. L. P., Souza, A. M. A., Holanda, T. C. (2005). Intervenções psicológicas em uma unidade de transplante renal de um hospital universitário. *Psicologia: ciência e profissão*, Brasília, 25, n. 3, set. Recuperado em 17 outubro de 2009, de <<http://scielo.bvs-psi.org.br/scielo.php?pid=S1414-98932005000300011&script=sciarttext>>.

- Juan, K. de. (2005). Psicoprofilaxia cirúrgica em urologia. *Psicologia Hospitalar*, São Paulo, 3, n. 2, ago. Recuperado em 21 abril de 2009, de <http://scielo.bvs-psi.org.br/scielo.php?pid=S1677-74092005000200006&script=s_ci_arttext>.
- Klein, M. M. de S., Guedes, C. R. (2006). Intervenção psicológica com grupo de acompanhantes da pediatria: relato de experiência. *Psicologia Hospitalar*, São Paulo, 4, n. 2, ago. Recuperado em 21 abril de 2009, de <<http://pepsic.bvs-psi.org.br/pdf/ph/v4n2/v4n2a04.pdf>>.
- MacKinnon, R. A., Michels, R., Buckley, P. J. (2008). *A entrevista psiquiátrica na prática clínica*. Tradução Celeste Inthy. 2 ed. Porto Alegre: Artmed. p. 429-440.
- Palmeira, C. G., Peralva, E. L. M., Batista, F. Q. (2007). A importância da oferta de suporte psicológico aos familiares de pacientes submetidos à cirurgia cardíaca. *Revista da SOCERJ*, Rio de Janeiro, 20, supl. A, maio/jun. Recuperado em 17 outubro de 2009, de <<http://sociedades.cardiol.br/socerj/revista/200702supla/a2007v20supa21psicologia.pdf>>.
- Sebastiani, R. W., Maia, E. M. C. (2005). Contribuições da psicologia da saúde-hospitalar na atenção ao paciente cirúrgico. *Acta Cirurgica Brasileira*, São Paulo, 20. Recuperado em 19 abril de 2009, de <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-865020050007_00010&lang=pt>.
- Seger, Â. C. B. P. (2006). Entrevista clínica no contexto hospitalar: revisões e reflexões. In Macedo, M. M. K., Carrasco, L. K. (Org.). *(Com) textos de entrevista – Olhares diversos sobre a interação humana*. São Paulo: Casa do Psicólogo. p. 247-259.
- Tavares, M. (2000). Entrevista Clínica. In Cunha, J. A. et al. *Psicodiagnóstico - V*. Porto Alegre: Artmed. p. 45-56.
- Tonetto, A. M., Gomes, W. B. (2005). Prática psicológica em hospitais: demandas e intervenções. *Psico*, Porto Alegre, 36, n. 3, set./dez. Recuperado em 17 outubro 2009, de <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistapsico/article/view/1399/1099>
- Tonetto, A. M., Gomes, W. B. (2007a). A prática do psicólogo em equipe multidisciplinar. *Estudos de Psicologia*, Porto Alegre, 24, n. 1, jan./mar. Recuperado em 17 outubro de 2009, de <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-166X2007000100010&script=sci_arttext&tlng=en>.
- Tonetto, A. M., Gomes, W. B. (2007b). Competências e habilidades necessárias à prática psicológica hospitalar. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, Rio de Janeiro, 59, n. 1, jnh. Recuperado em 01 maio de 2009, de <<http://146.164.3.26/seer/lab19/ojs/viewarticle.php?id=80&layout=html>>.

Yamada, M. O., Bevilacqua, M. C. (2005). O papel do psicólogo no programa de implante coclear do Hospital de Reabilitação de Anomalias Craniofaciais. *Estudos de Psicologia*, Campinas, 22, n. 3, set. Recuperado em 21 abril de 2009, de <<http://www.scielo.br/pdf/estpsi/v22n3/v22n3a04.pdf>>.

Endereço para correspondência:

Claudia Dallagnol

Rua Gladistone Osório Mársico, 70 Bairro Fátima CEP 99700-000 Erechim, RS

Telefone (54) 99431947

E-mail: claudia_dallagnol@hotmail.com

Recebido em 17/05/2010.

Aceito para publicação em 02/09/2010.